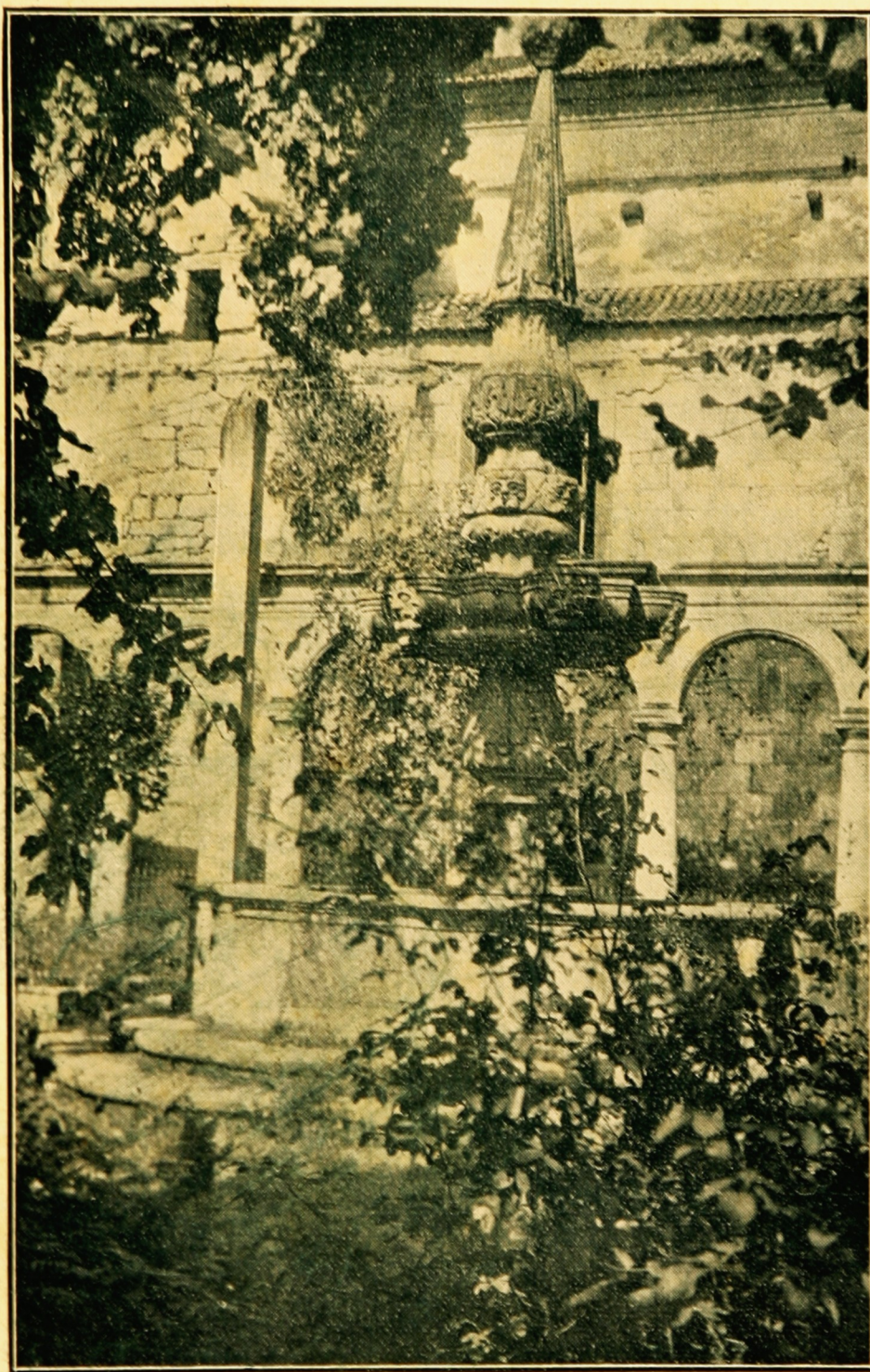
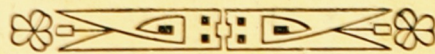


ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA



Claustro do Convento de Rendufe,
em Amares



Braga, 14 de Abril de 1928

NUMERO 319 — ANO VII

Composta e impressa na tipografia da «PAX» — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

Joaquim Antonio Pereira Villela

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «*Illustração Catholica*», L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

PORTUGAL :		
Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00
A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza		
COLONIAS :		
Ano.	64\$00
Semestre	32\$00
Trimestre	16\$00
ESTRANGEIRO :		
Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da-ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA — BRAGA

Telefone, 212

Automoveis e
 Camionetes

Rugby

Os carros preferidos pela sua elegancia e
 modicidade de preços

STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



BRAGA

LIMA, FILHO & C.^A L.^{DA}

Grandes Armazens da Caixa de Crédito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56

Telefone 31 (1.º andar)

:: BRAGA ::

Operações de Credito — Compra e venda de todos
 os artigos — Ourivesaria e Relojoaria
 Deposito de Maquinas de costura. Fazendas de
 lã e algodão, fato feito etc. Especialidade
 em CAPAS ALENTEJANAS

Tintos para Igreja

147 — Rua da Cruz de Pedra — 151

BRAGA

A mais antiga tinturaria de Braga, usando
 dos processos mais modernos, presta-se a sa-
 tisfazer qualquer encomenda para tingir quais-
 quer objectos proprios para Igreja, tais como,
 paramentos, cortinados, etc. Tambem tinge
 vestidos de senhora e fatos para homem. Sa-
 tisfaz qualquer encomenda pelo correio.

Pedidos a Manuel José Gomes, Sucessores



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Ilustração Catholica», Limitada

Braga, 14 de Abril de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 319



O foliar dos Bombeiros V. Portuenses



Porto — Grupo de Senhoras que andaram esmolando pela cidade a favor dos Bombeiros Voluntários.



A MANHECEU chuvoso o dia 9 de abril deste ano. Toda a terra portugêsa foi batida de vendavais. Rajadas sibilantes, cordas de agua, fustigaram, todo o dia, o país. Ha dez anos, outras rajadas, mas essas de fogo e metralha tambem haviam batido o nosso solo, porque era solo portugês aquele pedaço de terra da Flandres, onde frente a frente do invasor, pelejavam nossos soldados.

Mas as rajadas de ventania e de chuva, embora incomodas ao transeuntes, e particularmente incomodas ao nosso refinamento, com a sensibilidade pervertida pelo morno ambiente dos cafés, e dos teatros, essas rajadas são benéficas. Ensopam os terrenos de lavradio, contribuem à transformação ciclica dos elementos, transformando as rochas em terras, onde se balouçarão mais tarde, aos raios do sol, as providas cearas louras, oiro divino de benção.

Essas rajadas da providencia, sim, bem-ditas elas sejam!

Mas as outras, as rajadas de ferro e de fogo, de sangue... ó incomparavel maleficio do poder do mal! rictus satanico, apavorante, deve apertar as commissuras dos labios dos estadistas que preparam e dirigem as guerras, a lucta feroz entre homens, esquecidos da sua comum origem e destino comum.

Defesa de interesses argentarios, escondida sob o nome de defesa da Patria, inspira muitas vezes, os organizadores desses prelios sangrentos. «*Quae utilitas in sanguine meo?*» pode conclamar o soldado morto pela Patria, quando o seu sacrificio inenarravel é vilipendiado pelos que o arrojam à morte movidos por interesses baixos e inconfessaveis.

E quantos vezes no decurso da historia se tem dado semelhantes guerras!...

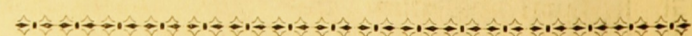
Portugal, comemorando o esforço dos seus guerreiros, aproveitou ao menos a lição da sua desassombhada abnegação para colher um ensinamento eficaz de patriotismo. Não se limita a verter lagrimas de saudade sobre a campa onde repousam os heroes. Quer criar em si outros filhos fortes e robustos capazes de egualar em feitos o seu epico valor.

A prova desportivo-patriótica disputada pelas regiões militares no dia 9 de Abril, é um sintoma do nosso valor e do cuidado que está merecendo aos homens de direcção aquella preparação dos indivíduos. Consistiu a prova, já o dissemos, em trazer ao Porto, correndo, um facho aceso na «Chama da Pátria», que arde na Batalha ao pé da campa do Soldado Desconhecido.

E fustigados pela chuva os nossos briosos rapazes não esmoreceram; o facho veio, bem vivo, acender o lampadário posto no Monumento dos Mortos da Grande Guerra. Há nisto, no seu magnífico, empolgante scenário, uma lição de vivo patriotismo que fica e se perpetua, mesmo quando as rajadas da chuva, lavando os destroços das batalhas, façam recobrir de suave frescor de vegetação, os plainos de La Couture, em má hora batidos pelas balas mensageiras da morte.

Portugal vai erguer o seu monumento aos Mortos da Grande Guerra no próprio local do cometimento. Teixeira Lopes, o mago cínzelador do granito, criou um encantador quadro de simbolismo. É uma capela de arquitectura gótica e motivos portugueses, em ruínas, em destroços, objectos do culto e objectos militares em confusão e partidos, dão testemunho de que passou por sôbre a capela arruinada, a rajada feroz da metralha guerreira.

Mas dos destroços, em que se adivinham laivos de sangue dos heróis, surge a figura de Jesus Crucificado, mártir divino, esperança única, no meio dos horrores sociais. Imagem intacta, entre os destroços que o circundam, não proclama sómente a fé incomparavel dos portugueses, ela diz tambem, vibrantemente, que por sôbre as civilizações derruídas e convulsas, permanecerá a Cruz de Cristo, gérmem bendito de futura ressurreição.



Afeição — O interesse faz às nossas afeições o mesmo que o sal amoniaco aos metais: dissolve-as pouco a pouco.

Insaciabilidade — Duas castas de pessoas são insaciaveis: os que buscam a ciencia e os que correm apoz as riquezas.



LEMBRO-ME, hei-de lembrar-me sempre com saúde infinita, da alegre Páscoa da minha infância, que os anos, novos e malfadados hábitos tão tristemente disfarçaram. É que tudo mudou, tudo, neste voraz rodopiar, a roda da vida andando e desandando nas tradições e nos costumes, nos corações até, transformando, subvertendo. Nesse dia, alegre domingo, que a nossa infantil ansiedade trazia marcado, a vermelho, no vago calendário das nossas aspirações, era dia de festa para a nossa casa, para a aldeia distante, as abas da serra milagreira, que de longe olhava o rio quieto deslisando, manso, entre salgueirais frondosos e veigas fartas de lameiro. Mal repontava o dia, já eu, alvoraçado pelo primeiro repique, na sineira da velha igreja, alcandorada entre fragas e estevais bravios, do alto do eirado, onde havia craveiros e mangeronas, espreitava os sendeiros serranos, que o senhor abade lá vinha, estola-doirada, roquete de luxo, raminho na mão, ladeira acima, o Zé da Pinta, de véstea domingueira e opa vermelha, badalando, badalando, *delim, delim* por aquelas serranias.

E corria à cosinha a gritar: — Já vem, já vem!... É João Grilo mais *fentos e espadelas* no páteo, que a cruz tem de passar sôbre *verdes* e flores — e voltava ao eirado, alvoraçava a família, que aquele alacre *delim, delim* já cantava mais perto.

— Venham, venham — e na balbúrdia dos últimos aprestos escoava-me até à sala de jantar, onde sôbre a mēsa recoberta de folhada toalha de festa, se amontoavam as guloseimas (que eu ia surripiando guloso), os ovos pintados de vermelho, entretecidos de arabescos, a grande rōsca de pão dōce, ao centro, que era o foliar tradicional. No montado banhado de sol, semeado de casebres, os quinxosos alfornhados de *verdes* era igual festa, igual ansiedade, que *delim, delim* cada vez mais perto, a cruz vinha subindo.

— Já entrou no caseiro das Nóz; salta no moínho e está aí — gritava do páteo já recoberto de verdura e flores desfolhadas, o Quim da Chã, trepando para a sineira da capela, dar tratos de polé à pobre sineta en-

vergonhada com seu débil badalar. E *delim, delim* logo entrava o portal o mordomo da cruz, o da cesta, o Zé da Pinta, badalando, badalando, todos de opa, solenes, o senhor abade, mais risonho, mais vèlhinho, brandindo ternamente o hyssope, docemente aspergindo, numa bênção, senhores e serviçais.

Depois, à pressa, que a volta era grande, subiam à sala, recolhiam o foliar, beberricavam do tinto verdial e do branco loureiro e lá partiam, para a caminhada, correr a aldeia em festa, *delim, delim* que o dia era de festa e de santa alegria... E a minha infantil ansiedade recomeçava, desde êsse momento, a esperar o ano seguinte, a nova festa, as novas guloseimas, o novo *delim, delim* festivo, como nota subtil duma viva alegria!

Hoje?! Lembro, hei-de sempre lembrar a poesia dêsse dia, talvez porque era criança, talvez porque tendo vivido tanto, é o som de outro dobre que eu espero; é o foliar de outra páscoa mais sublime, que eu resignadamente principio a esperar.

José de FARIA MACHADO

A ESTRADA DE SANTIAGO

A que nós chamamos no firmamento estrada de Santiago, os latinos via lactea, e os gregos galaxias, é aquela zona ou faixa que vemos rodear o ceo, e aparecer de noite, da côr como de algodão raro, ou leite derramado (d'onde teve o dito nome, porque gala quer dizer leite); antigamente deu muito em que entender aos filosofos averiguar o que era, e até Aristotetes, por mais que alguns o desculpem, falou (como diz Jeronymo Vidal) puerilmente no ponto, dizendo que eram um agregado de exalações accesas.

Hoje já consta que não é outra coisa mais que uma innumeravel multidão de estrelinhas juntas, que misturam a sua luz umas com outras; assim como uma amendoeira florida, vista de longe, parece um só ramalhete alvejando.

Sonho infantil

Tive um sonho, uma noite, um sonho brando,
que inda agora me faz sorrir, pensando...

Ora vejam, senhores, como a gente,
às vezes, sonha, sonha, doidamente!

Foi isto: Vi, em nuvem de oiro e arminho,
um menino nos braços dum velhinho.

Tinha o menino, — leve como tule,
na mão direita, uma bolinha azul.

O velhinho que eu vi, no meu sonhar,
tinha umas barbas brancas de luar.

E à sua fronte cândida, serêna,
subia a haste em flor duma açucena.

Apenas acordei, sôbre a manhã,
fui contar tudo, junto da mamã.

E só então é que ela me explicara
o que eu vira no sonho que sonhara:

O menino que eu vira envolto em luz
era nem mais nem menos que Jesus.

E o velhinho, segundo a sua fé,
devia ser, de certo, S. José...

— S. José, êsse humilde carpinteiro
que trabalhava, sem levar dinheiro.

E fazia bonecas para dar
às meninas mais pobres do lugar.

Já sabia que havia S. José,
mas não sabia que era como é.

Pensei que fôsse, assim, tal qual meu pai,
quando afinal, senhores, êle me sai

Tão velho, tão velhinho, tão velhinho,
que logo me lembrou... meu avôsinho!

1928

MOREIRA DAS NEVES.



Menina Conceição Sá Pereira do Lago,
do «Grupo Scénico Infantil» do Circulo
Católico de Operários do Porto, que
a 19-III-1928, no mesmo Círculo Católico,
recitou o «Sonho infantil»

Longe...

Longe do mundo, ó meu Anseio ardente,
Aspiração suprema, derradeira:
longe do mundo, a minha vida inteira
sonho vivê-la, noutra mundo ausente.

A essa altura aonde a luz fremente
tem ritmos novos, suba de maneira
a minha alma, um dia, que não queira
lembrar, sequer, a mágua que hoje sente.

Tam funda Mágua e tam pesada, seja:
menos sentida do que um bem profano
que eu procurasse em ambição e inveja!

E há-de sê-lo — sei que não me engano! —
pois tudo morre e esquece aonde esteja
o Fim, o Ideal, de todo o Anseio humano!

ARNALDO BEZERRA.

QUADROS DE LISBÔA

A pianista

Florinda Santas

MUITO nova ainda a arte musical para Florinda Santas é um desabrochar constante de encantamentos e o seu futuro artístico um róseo horizonte onde se encontra sintetizado todo o seu ideal, que alimenta a sua alma vibratil para toda a manifestação de Beleza!

Florinda Santas cujo talento como pianista é já bem notorio em Lisboa, temos fé que em pouco tempo será conhecida em outras cidades do nosso país e no estrangeiro, sobretudo o Brasil, para onde pensa realizar uma serie de concertos.

Temos vindo acompanhando a vida musical desta novel pianista desde os primeiros passos que deu na ingrata estrada de concertista.

Nos seus concertos, ainda como aluna do illustre professor Garin e depois nas classes superiores do Conservatorio, Florinda Santas destacou-se sempre da vulgaridade, pois as suas interpretações tinham qualquer coisa da sua propria personalidade, bem diferente do que ouviamos nas demais pianistas!

Desde muito nova tendo começado a conhecer as obras de Bach, Beethoven, Mozart, Haydn, Scarlati, Schumann, Schubert, Chopin e todas as modernas, a sua instrução musical, sob uma orientação altamente estetica, não se banalisou e hoje apesar de muito nova o seu repertorio é vasto e estudado em todos os seus detalhes.

Se em Bach nos dá uma interpretação puramente escolastica, é no repertorio romantico e no moderno onde a sua sensibilidade se liga melhor ao espírito da obra.

Florinda Santas em obras como as de Chopin, nas de Lima Fragoso, a sua tecnica ao lançar a frase melodica tem suavidade, prende, sugestiona e nós vemos que a joven artista faz voe-

jar a sua imaginação nas regiões mais fantasticas do Belo!

Hoje, um pianista para nos dar bem a nota emotiva do sentimento pessoal, tem que tocar as obras mais opostas no genero, fazendo traduzir atravez do seu tocar a *ideia-genesis* que o compositor sentiu.

Florinda Santas, por exemplo em



A joven pianista Florinda Santas

Manuel Fallo, o grande e moderno artista hespanhol, executa as suas peças com aquela ardente força da raça, que tão bem se vinca na sua obra.

Se passar para Beethoven, não é a mesma artista, pois encarnando-se na sua musica, dá-nos, transmite-nos a grande melodia, simples e profunda como era a do artista de Bonn, sempre matisada de dor.

O seu recital realizado ha dias no Conservatorio, onde chamou a melhor sociedade de Lisboa, criticos de arte,

homens de letras, etc., foi uma noite de linda arte e Florinda Santos recebeu as mais claras provas de apreço, pois em cada peça foi chamada e muito aplaudida, tendo que tocar extra-programa mais quatro peças.

Hoje desejamos publicar o seu retrato nas paginas desta revista, e apresentar às provincias do norte do nosso país, uma pianista de valor que teria imenso gosto que a ouvissem pois é

uma artista que dá já honra à arte nacional.

Na epoca presente em que vibra tanto o patriotismo, falar de Florinda Santos é revelar uma pianista que pode no estrangeiro ser um apóstolo do Portugal artístico e representar-nos com a châma do seu talento.

Lisboa-Março.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)

BRIC-À-BRÁC

III

POR PORTUGAL ALEM...

— Bons dias, cá nos vamos . . .

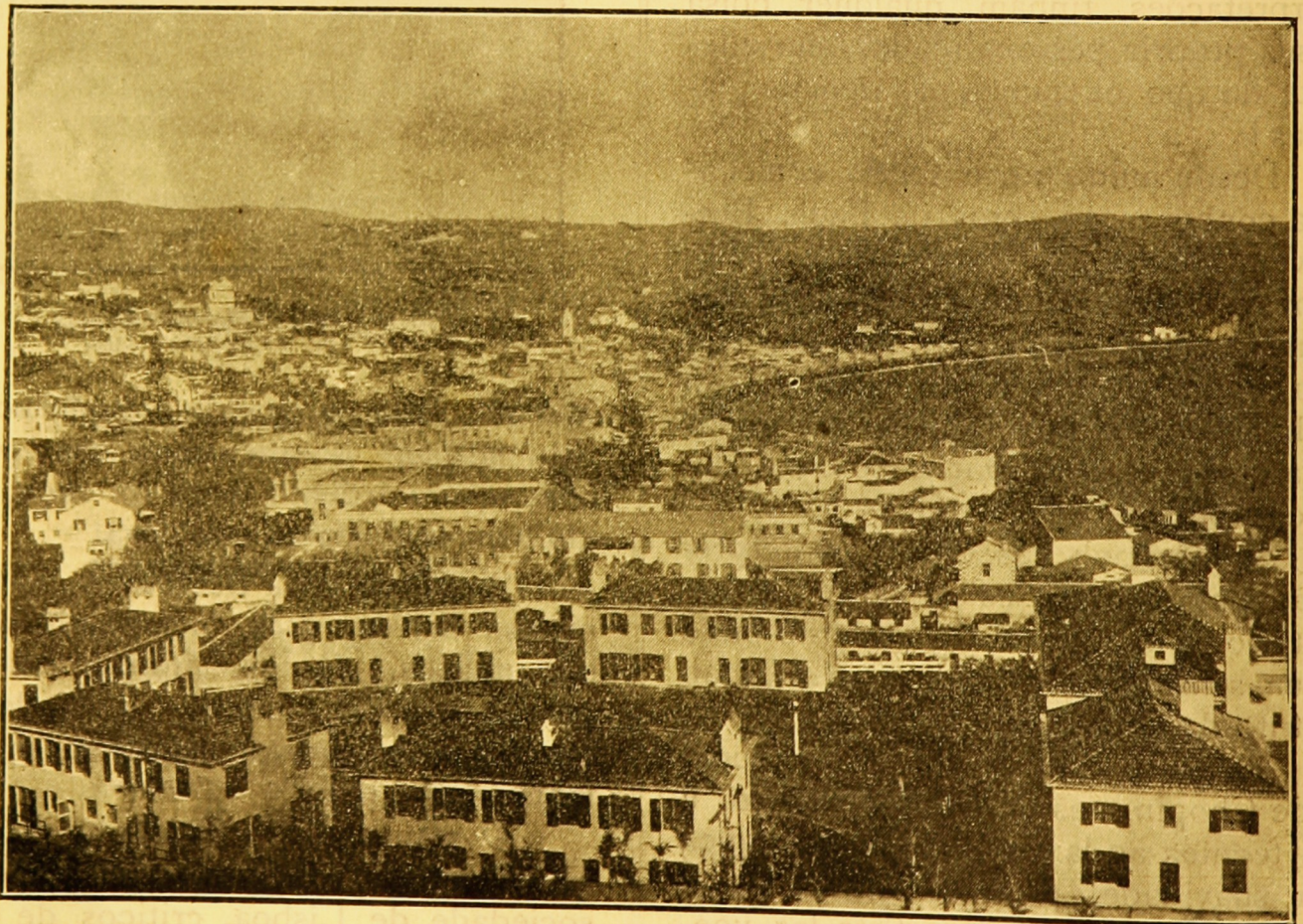
— Mas lá se vão para onde? parece-nos ouvir perguntar.

— Ora essa! Para Portugal.

Conhecem porventura, os senhores, Portugal? Não, não conhecem.

A Italia com os seus céus azuis, as suas torres de marmore e as suas

ruínas evocativas; a Hespanha com as suas catedrais, as suas mulheres formosas e as suas paisagens voluptuosas ou aridas; a Suissa vestidinha de verde no mais íntimo e aconchegado dos seus vales, dos seus montes, dos seus lagos; a França no mais artificioso e frenetico das suas cidades ou no mais recondito



AÇORES — Cidade da Horta — Ilha do Fayal

e frio dos seus logarejos; a Rússia na extensão infinita das suas nevadas *steppes*.

— «A America, o Japão, as Índias, o Calvario», como dizia o grande poeta do *Só*, tudo isso vós conheceis como o mais habitado aposento da vossa casa. Mas Portugal!

Oh Portugal, vós não o conheceis.

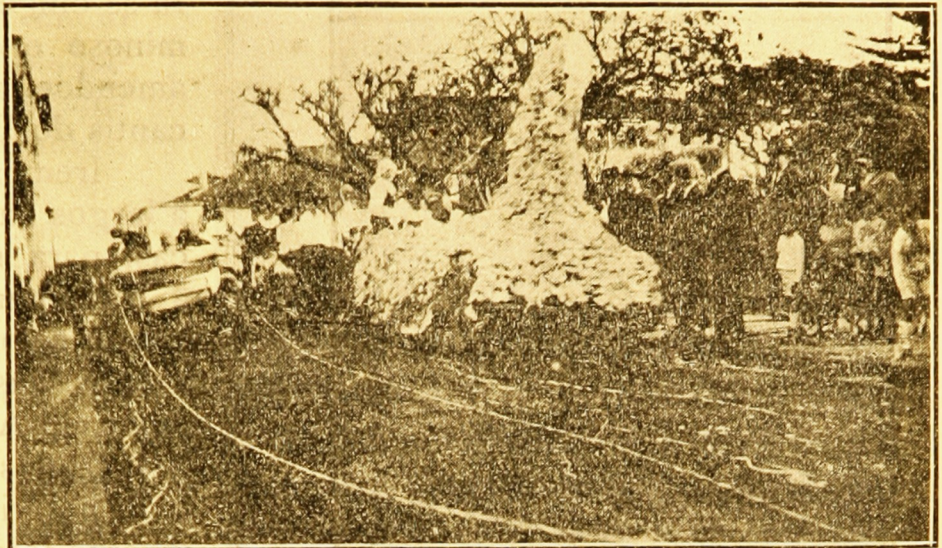
E que coisas lindas por aí há, desperdiçadas e esquecidas, à beira do doce mar azul, ao colo dos maternais vales deleitosos, no aconchego mais fofo dos outeiros ternos, no evuptivo e brusco erguer das montanhas mais duras...

Mas viajar *dentro de casa* parece mal! Genio de aventureiros, dizem que o temos. E temos! bem acentuado neste ar boemio e desapegado dos proprios haveres, *mãos rotas* com que atiramos à rua e esquecemos o melhor do nosso patrimonio.

Nada do que é nosso, da nossa terra, nos presta. Ser nosso! Oh que pecha!

E ninguem vai dar-se à estafeira de ver coisas portuguesas. Uma seca!

Lá poesia tem que farte este País Bemdito: poesia esplendida no exultar estupendo dos seus montes, no bucolismo idílico das suas aldeias, no nevoento scismar dos seus rios, no seu céu, nas



AÇORES — Cidade da Horta — Ilha do Fayal.
Batalha de flôres

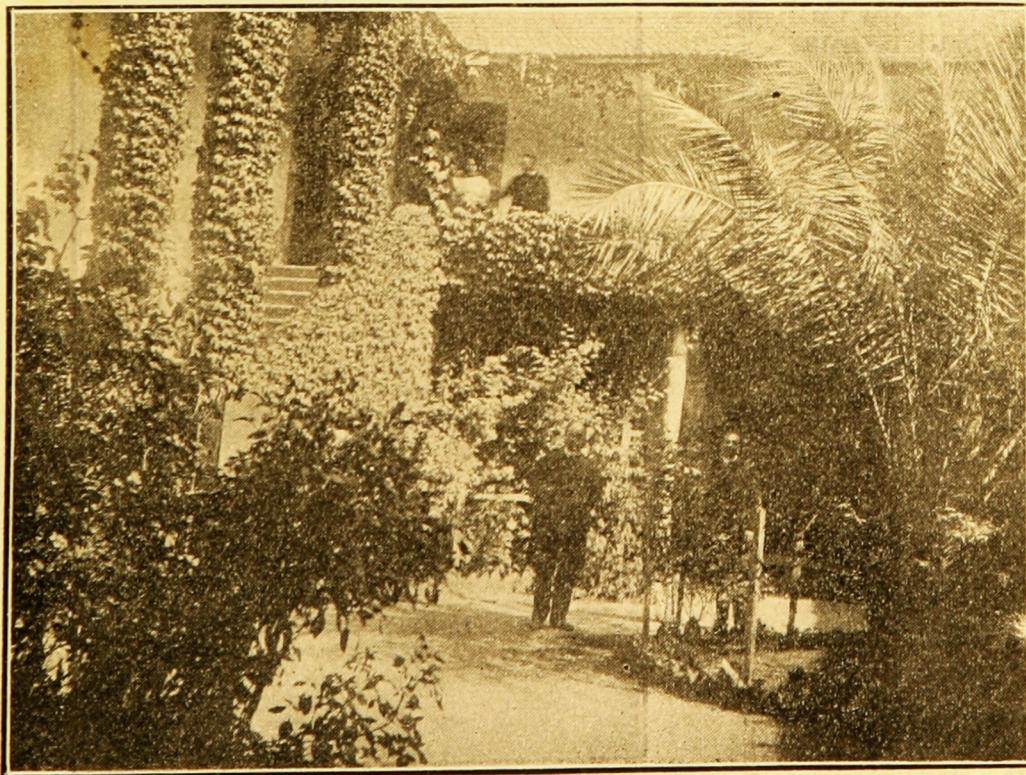
suas canções, no ar claro, perfumado a serpol e rosmaninho ou no olhar das suas moças, cujas carnes trigueiras resendem a terra humida e a cravos abrindo ao sol...

Mas os caminhos pedregosos e maus, as estradas solavancosas, os comboios tropegos, as deligencias antiquadas? Um drama!

E toda a gente se fica a viajar, por intermedio do seu jornal de gravuras, o mundo inteiro, ou lá vai levado para fóra, na onda vertiginosa dos comboios lepidos que cortam fronteiras.

Portugal, senhores, não conhece Portugal.

Ora foi pensando nisto mesmo que nós esta manhã idealisamos a romaria espiritual: sair de casa, sob este azul claro do céu, ver coisas e mostrar coisas, esmadrigar pela nossa Terra Bem Ama-



GANDRA — Casa do Retiro, (interior) — Vão ali repousar muitas almas fazendo, no silencio, os seus exercicios espirituais.

da. E assim, de pé para a mão, de afogadilho, sem tempo para estudar horários, sem malas, sem guias de viagem,



CALDELAS — Açoreanos distintos na época termal.

sem impermeáveis, sem guarda-pó, sem bonet, tal qual como estavamos, um fático leve sobre o corpo, uma alma clara para ver as coisas e na cabeça poucas ideias mas um largo chapéu para resguardar do sol e tirar com respeito diante da nossa Terna Mãe Santíssima.

E a manhã está linda, uma verdadeira sinfonia de abertura, verde e oiro!

— Bom dia! Cá nos vamos!

O que faremos?

Iremos por esses campos. Deixaremos que o estúpido comboio siga nas linhas a sua rota de alucinado e marcharemos em passo sereno pelas estradas reais ou pelos velhos caminhos romanos.

Pararemos onde um aceno amoroso da terra nos chame, em qualquer parte onde nos sintamos bem e possamos dizer em altos gritos, a plenos pulmões:

Eh lá Senhores Portugueses, aqui tendes este primor . . .

Vagabundearemos sem norte nem preocupações. Ora no Minho claro e

jovial, entre os seus outeiros, os seus hortegos verdes ou o seu cazario branco; ora em Traz-os-Montes asperos e asceticos, pelos cerros, pelas vertentes; ora na Beira Alta subindo à montanha para ver de ali o beijo em que esta terra se cinge ao mar; ora no Algarve luminoso e quente, entre romanzeiras e amendoeiras, serra e praia; ora nos alcantis do Douro, sabemos lá . . .

Iremos de vagar para provarmos a largos haustos a agua das fontes frescas, para morder no seio dos pomares a fruta perfumada das árvores. Seguiremos pelos atalhos, até às aldeias, ver semear nas manhãs buzias de Março, regar em Agosto, admirar as moças nas desfolhadas em Setembro, provar as uvas nas vindimas em Outubro e pelo inverno fóra descer até ao fogo das lareiras e até à palestra com os Abades nas noites frias e cortantes de Dezembro.

Muita coisa! Muita coisa!

Jornada grande!

E Deus nos dê animo e nos acompanhe na caminhada!

— Bons dias! Cá nos vamos!

Cláudio e António Correia d'Oliveira Guimarães.



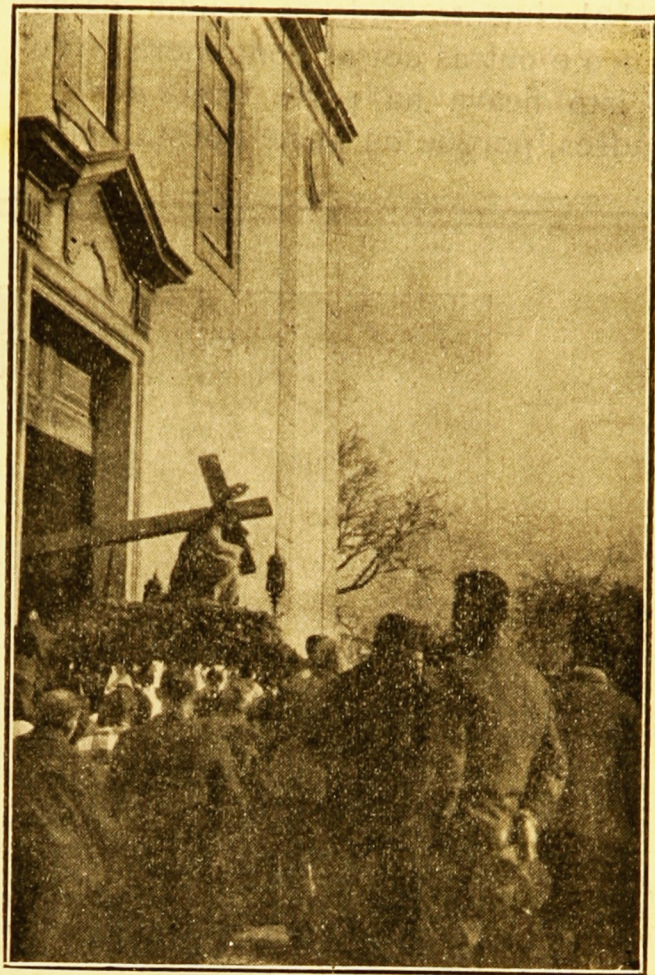
CALDELAS — Cruzeiro e ermida de S. Pedro. O rev.º P.º Antonio Silveiro de Medeiros, do Fayal, com um grupo de amigos.

Os Alpendres ou a nova Arcada de Braga, e antigas contumeiras

Digamos algo, hoje, de que era e foi a velha Arcada, denominada então Alpendres do Campo de Santa Ana, para não haver confusão com os Alpendres do Campo dos Touros; digamos, pois algo, de que foram os velhos Alpendres ha 60 para 70 anos, e comparemos esse passado com o presente, para assim encontrar-mos nesse confronto a transformação por que esse pequeno meio tem passado num periodo, que já vai alem de meio seculo.

Era então a Arcada, nessas remotas eras, baixa e sem elegancia, sustentando em suas já carcomidas columnas um telhado desmantelado ou desunido, por onde o sol entrava livremente e as chuvas formavam cachoeiras, transformando aquele recinto num verdadeiro tremedal de lama e porcarias, e que servindo apenas de abrigo, junto à igreja da Lapa, por ser ponto mais enxuto, ao velho Areal, quando devidamente encarraspanado, e a um ou outro infeliz que não tinha onde se abrigar em noites tempestuosas e frias.

Cafés, não havia a não ser o das Carvoeiras, um verdadeiro antro de escuridão e imundicie, iluminado apenas, às noites, por trez candeias, alimentadas pelo mais reles dos combustiveis,

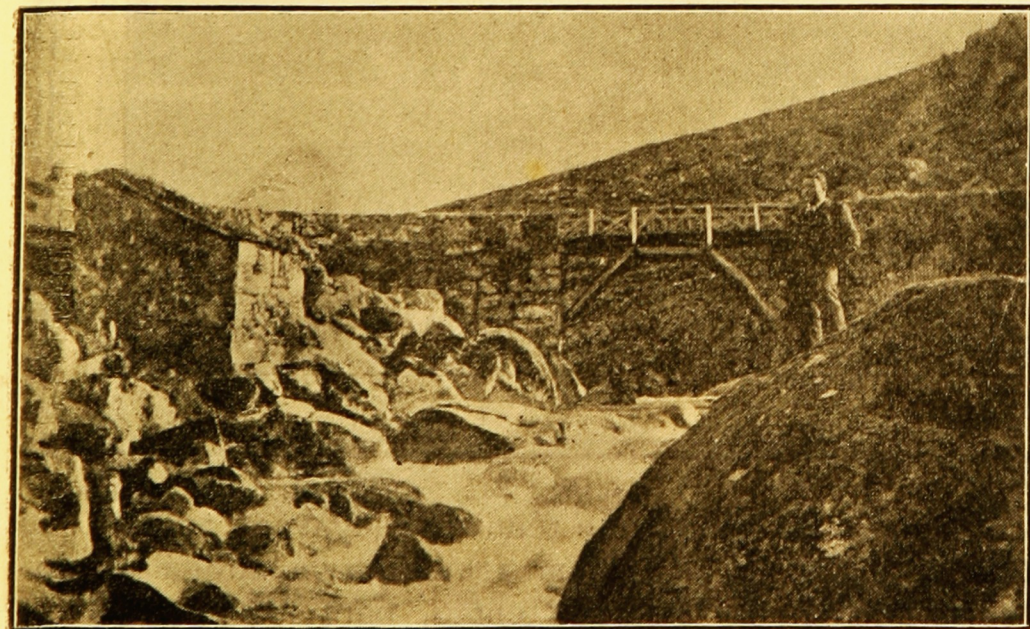


CASCAIS — Procissão de Passos, à saída da Igreja Matriz.

(Fot. Alfredo Pinto (Sacavem).)

a graxa, e à luz da qual os diferentes *habitués*, almocreves e carrejões, jogam a bisca lambida, se não ser mais alguma coisa, emborcando de quando em quando, dum grande canecorio, o competente verdasco ou quem sabe talvez aguardente. Este café estava aberto toda a noite, servindo assim a freguezia que por altas horas ia com as competentes bēstas carregadas até não mais, para os Arcos, Chaves, Guimarães etc., carregando ainda muitas vezes as pobres alimarias com alguns passageiros que se dirigiam tambem para esses pontos.

Alem desse café, havia, logo abaixo, junto à porta da sacristia da Lapa, um pequeno

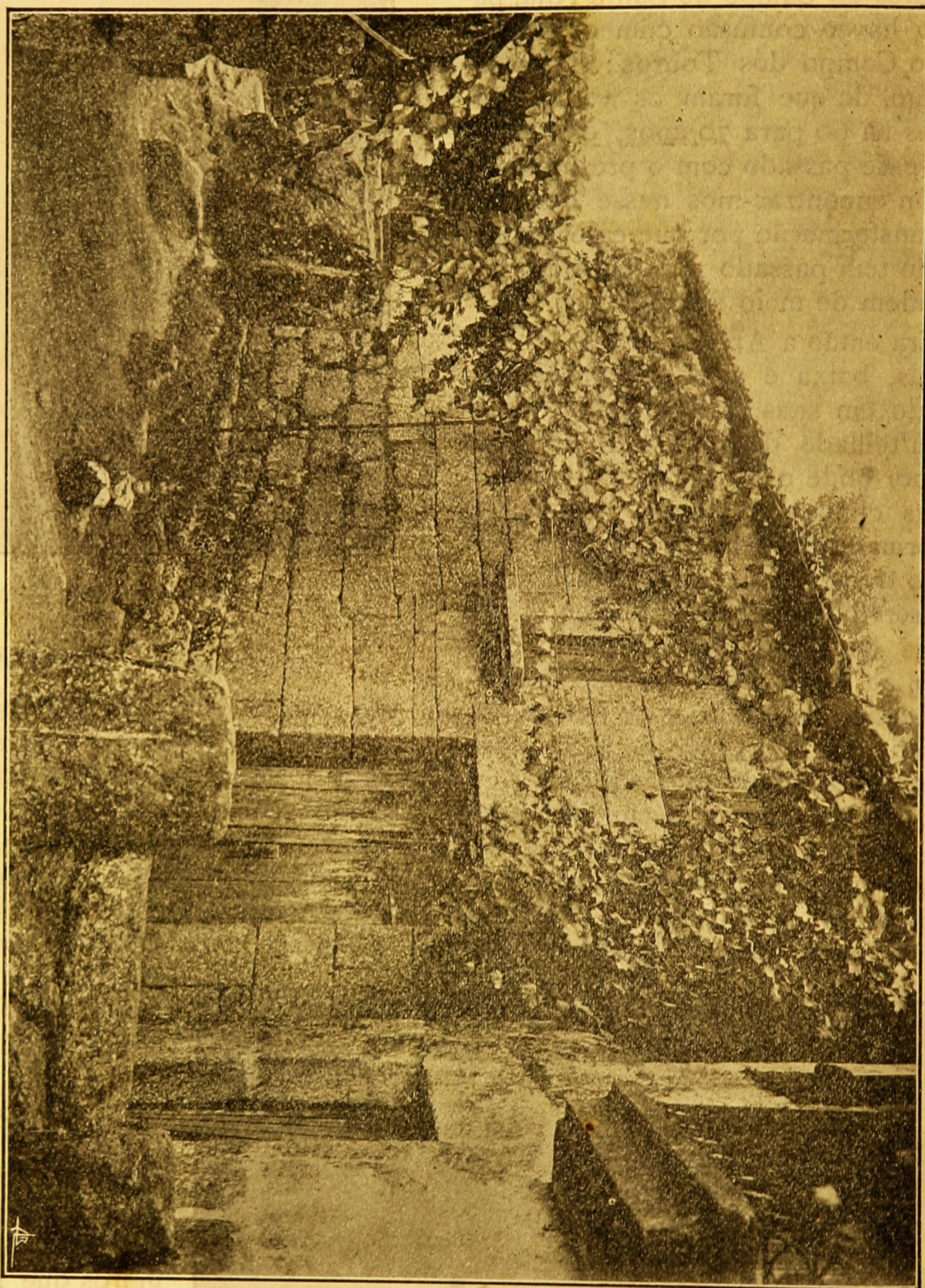


CASTRO DAIRE — Pombeira. Uma ponte rustica.

estabelecimento onde se vendia palha, painço e outras coisas congeneres. Tudo isto ficava na parte norte dos Alpendres, porque na parte oposta, onde

da Arcada, havia apenas em uma casa onde hoje se encontra a do dr. José Rodrigues de Carvalho, um outro café ou sociedade, denominado — Pepineira —

VEIRA DO MINHO - Casa rustica



hoje se encontra o Café Viana, nada havia, a não ser um pequeno estabelecimento onde se vendiam coisas varias.

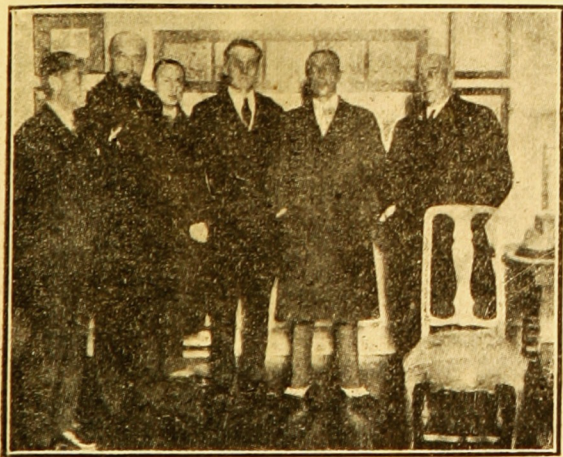
Para além desse recinto, e fora já

onde se reuniam e jogavam, aqueles que não eram socios da já antiga assembleia, ou então, para melhor poderem dar expansão ao seu espirito galhofeiro,

Um dia, por uma circunstancia qualquer, devido talvez ao genio irritante e irritado do seu proprietario, Manuel Viana, fechou as portas do estabelecimento indo porem logo comprar a parte sul do velho casarão da Arcada e onde 4 ou 5 mezes depois inaugurou o ainda hoje Café Viana. Esta luminosa iniciativa levou José Vicente, depois de alguns mezes de sociedade com Manuel Viana, a comprar o Café das Carvoeiras e ali montar outro Café em rivalidade com o do Viana.

Escusado será dizer, que tanto o Café Viana, mas este principalmente, como o antigo Café Faria, tem passado por variadas transformações que tomaram maior incremento desde que a Camara resolveu demolir os antigos arcos e substituil-os pelos que actualmente se encontram naquele local.

As bebidas de guerra e outras que havia por esse tempo em tais estabelecimentos não iam muito alem da aguardente bagaceira, rhum e como refrescos a orchata, limonada, soda e as saborosas melancias. Estas vendiam-se junto à Arcada, onde se encontravam em grandes montes. Nas tardes e noites de verão era passeio predilecto aquele local, isto é, entre a Arcada até ao monumental chafariz, que agora se



MADRID — O estadista e historiador romano Snr. Nicolau Jorga com o ministro da Romania e outras personalidades, após uma conferencia que proferiu.

encontra no Campo das Hortas, e que tinha junto uma outra fonte a que se dava o nome do Cantinho. Eram rodeadas estas fontes por bancos de pe-



BARCELONA — O pessoal universitario de Montpellier de visita aos colegas da cidade condal.

dra, que serviam de repouso e mesas para comerem as melancias . . . pela então primeira sociedade bracaranse.

Tambem nos dias de mercado, isto é, às terças-feiras, era vendido debaixo dos arcos, milho e outros cereais.

Não havia ainda, por esse tempo, o Teatro de S. Geraldo, chamando-se então a esse recinto largo do Eirado. Ao centro levantava-se um elegante cruzeiro, que o povo crismou — *Cruzeiro das Sardinhas*, por ser ali que o Domingos galego, depois de haver percorrido as principais ruas da cidade, apregoando sempre — *galeguinha fresca!* — ia assentar seus arrais nas escadas do mesmo cruzeiro, enquanto, pelas ruas e por sua conta, as mulheres apregoavam: *Da fresca, da fresca, da vivinha!* E cantavam tambem ao fazerem a venda: *Este par e este dois este trez e este quatro!* — Por esta cantilena já toda a gente ficava sabendo, que as sardinhas eram a oito ao vintem. Estes cantares, julgo eu, desapareceram ainda ha pouco, por causa talvez das modernas idéas que tem ido transformando os sentimentos do povo e da sociedade. O Café Viana, depois de devidamente insta-

lado, ficou com um corredor ao centro com uma mesa e cadeiras e duas salas laterais, uma para café e outra para bilhar. Era nesse corredor, e em volta de essa mesa, que se reuniam muitas noites os diversos intelectuais cá da terra, tais como Almeida Braga, João Penha, Padre Sardinha Gonçalves Crespos, Fonseca Virgula, e algumas vezes Antonio Maria Pinheiro Torres, Antonio Candido e Padre Pereirinha, e mais tarde Fernando Castiço e Cunha Viana.

Que belos e agradáveis colloquios,

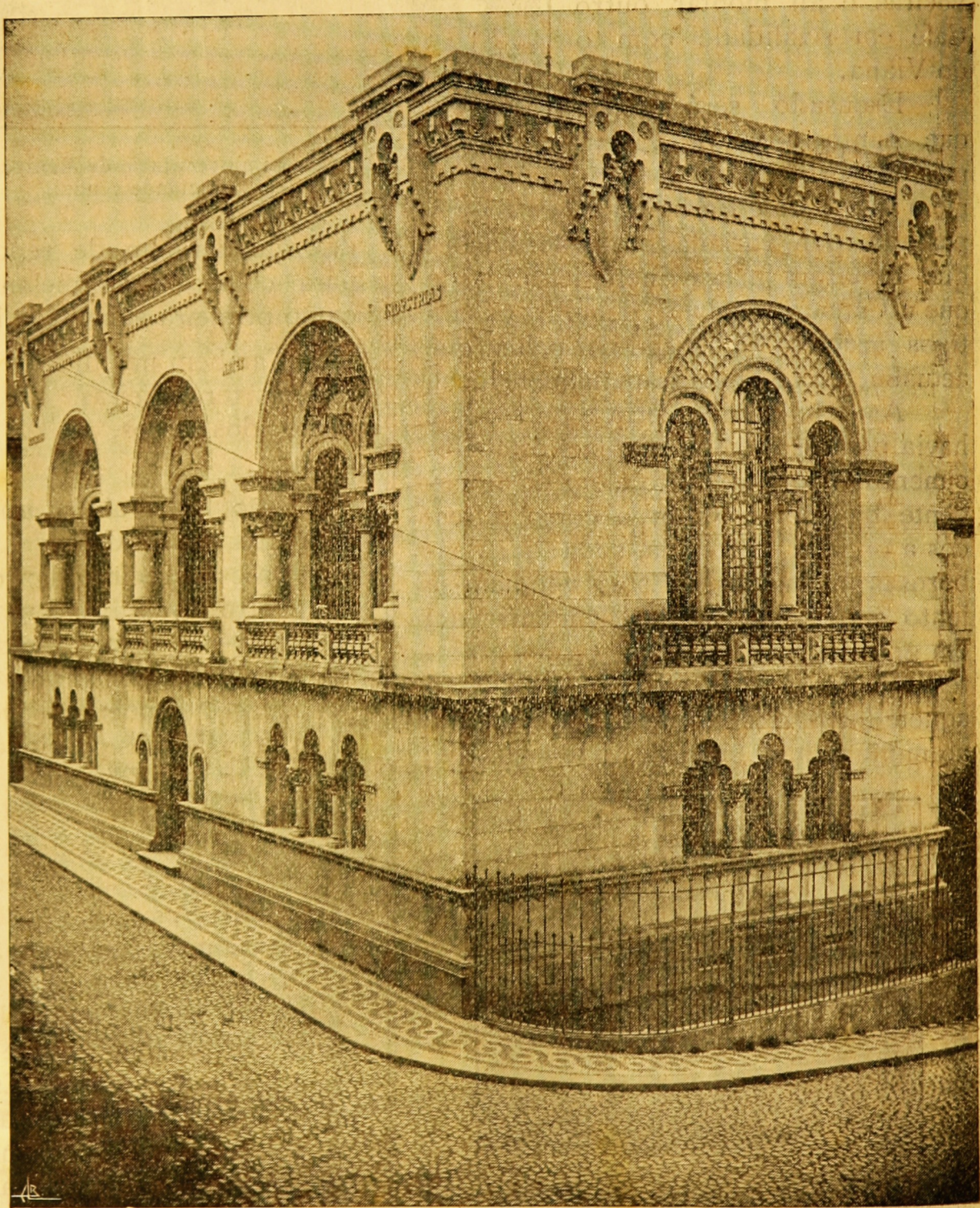
que conversas deliciosas ali tiveram lugar, mordidos apenas por Pereira Caldas, por não simpatizar, como dizia, com os diversos conferentes que ali se reuniam.

De todo esse grupo já nenhum hoje existe, a não ser o auctor de estas linhas, rapazola ainda, com pouco mais de 16 anos, que escutava, admirado, esse conversar delicioso, onde eram tratados variados assuntos, que João Penha apimentava com sua verbe caustica e epigramatica.

Ego.

GUIMARÃES — A Sociedade Martins Sarmiento

E' um dos edificios mais formosos de Guimarães, e alberga a sua mais apreciavel instituição. Martins Sarmiento dedica-se à arqueologia, num tempo em que esta sciencia, hoje repartida em varias secções, ensaiava os seus primeiros passos. Descobriu a importante estação pre-historica da Citania de Briteiros, documentação interessantissima dos antigos lusitanos. Essas descobertas foram o ponto inicial dos trabalhos paleontologicos, historicos, folcloricos e etnicos variadissimos que a seguir tem occupado esse grupo notavel que constitui uma das sociedades sabias do país, e que sob a egide do nome do illustre homem de sciencia trabalha afincadamente na instrução — auxiliando escolas populares, dispondo de uma boa biblioteca, e ainda publicando uma revista, em que são versados os assuntos mais caracteristicos a que a mesma Sociedade se dedica.



Uma festa elegante em Esgueira - AVEIRO

Grupos de algumas senhoras e cavalheiros que tomaram parte numa festa elegante da "mi-carême,, em casa do sr. Dr. Henrique Paz, secretário geral do Govêrno Civil.



As Ex.^{mas} Senhoras: D. Guiomar de Souza Machado Ferreira Neves; D. Fernanda Almeida d'Eça; D. Zulmira Pereira de Melo; D. Raquel Coimbra; D. Arminda Lopes; D. Adosinda da Canha e Costa; D. Elisa Tabora da Silva; D. Adelaide Cunha e Costa; D. Eugénia Almeida d'Eça Soares; D. Virginia Almeida d'Eça.



As senhoras antecedentes e mais: D. Júlia d'Eça; D. Berta Paz e D. Irene Cunha e Costa. E os srs.: D. Francisco de Almada (Tavarede); major Cunha e Costa; Dr. Francisco Ferreira Neves; engenheiro Soares Leite; Ananias Torres; Henrique Paz; Dr. António Coelho de Souza Machado; Mário Ferraz de Liz.

(Clichés do sr. Dr. Armando Coimbra tirados na Casa do Castelo do sr. Fernando Eça)

O magico negociante de cães

Numa tarde de 30 de junho de 1643, Luiza Maria de Gonzaga, filha de Carlos de Gonzaga, duque de Nevers, tomava o fresco no terraço do seu palacio, quando viu passar pela rua um homem exoticamente paramentado. Levava na cabeça um chapéu pontegudo, cheio de sinais cabalísticos, vestia uma opa negra com cinto vermelho, e na mão direita levava uma varinha — talvez de condão: era um magico.

Provavelmente as suas predicções não lhe davam de comer, pois acumulava a profissão de astrologo com a de negociante de cães. Percorria todas as cidades, precedido duma mantilha numerosa de cães brancos, fraldeiros, sabujos de raça pequena, dogues e cães gozos. Os rapazes, quando o viam pas-

sar, seguiam-no gritando: Aqui vai o Promontorio que lê a *buena dicha*.

— Que lindo cão ali vai, disse Luiza; chamai aquele homem à minha presença.

Il signor Promontorio (que assim se chamava) foi conduzido à presença de Luiza.

— Por quanto me vendeis esse lindo fraldeiro?

— Por cincoenta pistolas.

— Ora, sêde comedido, não escarneçais de mim.

— Ah! senhora, eu nunca ousaria tomar essa liberdade com pessoa alguma, e ainda menos com vossa magestade.

— Este homem é doido — disse Luiza.

Em que se funda vossa magestade para supor que eu perdi o uso da razão?

— Porque me tratais como se eu fosse uma rainha.

— Ah! desculpai-me, senhora, é

porque eu adivinho o futuro, e considero já cumpridos todos os sucessos vindeiros.

— Explicai-vos, pois não compreendo o que quereis dizer.

Assim deve ser; mas façamos um negocio relativo ao meu cão: ele sabe caçar perfeitamente; puz-lhe o nome de Modus, porque o mais antigo escritor



CASTRO DAIRE — Pombeira — Quedas de agua.

cinagético da França assim se chamava. Vós desposareis um rei, grande amador da caça; e este cão será o mais agradável presente que podereis fazer-lhe. Dar-me-heis por ele cinquenta pistolas, e pagal-as-heis quando fordes rainha.

— Isso quer dizer que me dais o cão.

— Não, minha senhora; não sou tão rico que possa brindar-vos por tal modo. Aceitai a minha proposta: ganharei muito com isso.

— O vosso cão vale dez pistolas, tomai-as.

— Recuso-as, já vos disse que pretendo cinquenta pistolas. Adeus, minha senhora, aí vos deixo o cão, e brevemente virei à presença de vossa magestade para receber o preço dele.

Um ano depois desta aventura, Luiza Maria de Gonzaga, desposou Ladislau VII, rei da Polonia, que tinha enviuvado havia pouco tempo pelo falecimento de Cecilia Renée, arquiduqueza de Austria. Durante as bodas, vieram dizer à rainha que Promontorio pretendia ser-lhe apresentado.

— Fazei-o entrar — disse a rainha.

— Está bem! Promontorio, a vossa predição cumpriu-se.

— Não podia deixar de ser assim.

— Tomai cem pistolas.

— Não aceito mais de cinquenta.

— Sois muito desinteressado.

— Quem adivinha o futuro, tem tanto dinheiro quanto pretende. Limito-me à soma que pedi: aceito as cinquenta pistolas que me são devidas, e agradeço-as a vossa magestade, desejando-lhe que goze todas as venturas que merece.

— Adeus, Promontorio.

— Vossa magestade permite-me que lhe dê um conselho?

— Falai.

— Se amais o rei, fazei todo o possível para evitar que esfrie. Ele é caçador... acautelai-vos.

Os cortezãos julgaram que Promontorio acabava de dizer uma loucura à rainha; e fizeram-lhe conhecer que se atrevia a muito. Promontorio saiu. Contudo no dia imediato reuniram-se em casa do magico para ele lhes ler as sinas. O ouro entrava aos punhados na bolsa do italiano. A sua fama espalhou-se pela Europa, e, graças a algumas circunstancias em que o acaso tambem favoreceu Promontorio, o homem enriqueceu a tal ponto que poderia comprar um reino.

Alguns anos depois, em 20 de maio de 1648, Ladislau regressando da caça, vinha muito encalmado, bebeu um co-



SANTA QUITERIA — MARGARIDE — Grupo de jornalistas do Porto e Lisboa, no alto de S. Quiteria, junto ao Monumento da Virgem

po de agua fria, e no mesmo instante caiu redondamente morto aos pés da rainha.



« Ah! meu Deus! exclamou ela, Promontorio tinha razão; eis o cumprimento da sua fatal predicção ».



BRAGA — Jantar de despedida ao tenente Daniel Braga que ha dias partiu para a colonia de Moçambique

ANECDOTAS HISTORICAS

Cardial politico

O Cardial Ximenes que foi grande politico espanhol e mais preocupado com os negocios temporais do que com os da Igreja, saiu uma tarde a passear. Deram os soldados uma salva em sua honra, e levantou tanto fumo que um Cavalheiro lhe disse que se afastasse, pois que cheirava mal aquele fumo. Mas Ximenes, presumido, respondeu: Isso dizeis vós; a mim me cheira melhor do que incenso!

Cubiçoso!

Ao rei Xerxes presentearam com uns formosos figos de Atenas. Ele, porem, não os quis comer, sem antes possuir a terra que os produzia.

Ossado apetitoso

Certos faladores repreendiam num banquete ao Poeta Alexis, que era grande comilão. E perguntaram-lhe por zombaria de qual iguaria mais gostava, respondeu aquele prontamente: *Spermologos tostos*. Gracioso equivoco, porquanto a palavra *Spermologos* significa a cotovia e tambem o falador.

Propriedade literária

Hesiodo, poeta grego, ouviu a um oleiro cantar uns versos que havia feito, como cantigas populares e tão desageitadamente os repetia, que lhes tirava toda a graça. Irado, quebrou a lança que o artifice fabricava, o qual o increpou: — Que mal vos fiz, senhor, para estragardes o meu trabalho. — E eu, replicou Hesiodo — que mal te fiz, para estragares o meu?

O peso dos homens

A rainha D. Catarina determinara mandar por fronteiro ao Algarve a D. João de Meneses, e combinara isso com o Duque de Bragança, D. Teodosio. Mandou, porem, outro e dizendo-o ao duque ouviu dele este comentario: — Senhora, D. João fazia grande serviço a V. A. indo por fronteiro ao Algalve; e V. A. fez grande serviço a esse novo enviado em o mandar.

Possos do Algarve

Os homens algarvios — dizia um engracado — podem mais que Deus, pois fazem presentes do passado.

Opinião não desejada

Ao rei Antígono ofereceu certo sofista um tratado, que composera, da justiça. Vista a oferta retrocou-lhe o monarca, que então regressava de suas conquistas. — Por certo que é bem agudo o teu engenho! Pois não me falas de justiça quando eu venho de opprimir tantas cidades.

Parte maior que o todo

Era Quinto Cicero de pequena estatura. Seu irmão Marco Túlio, — o grande orador, passou por uma provincia que aquele governara, viu o busto de Quinto, com grandes delineamentos e proporções e disse graciosamente: — O' coisa admirável! Metade de meu irmão é maior que êle todo!

Linha de fidalguia

Havia em Inglaterra um presumido fidalgo, que subira bafejado pela sorte, sendo de humilde nascimento. João Oven lhe fez o epigrama

Teu pai fôra pescador,

Fiandeira a tua mãe;

Ês fidalgo meu senhor,

Tanta linha, ninguem tem

Cúpula roubada

António Barbarino, que era sobrinho de Urbano VIII. tirou de um edificio romano para um palácio seu, uma linda cúpula de bronze. E acudiu o Pasquim:

O que os barbaros não fizeram, fizeram no Barbarinos.

Bens de raiz

D. Pedro II, perguntava ao desembargador do Paço, Miguel Fernandes de Andrade porque não cortava os cabelos e punha cabeleira, como era então a moda. E o interrogado respondeu: — Senhor, são bens de raiz e não posso alhea-los sem outorga de minha mulher.

Fortuna e mérito

Dizia um alarve, estúpido e rico, ao ouvir na Câmara um orador eloquente e pobre: «Ora aquele pedaço de asno a falar de papo sem ter nem cinco reis de renda!...»